

Da Processão do Espírito Santo – David Hollatz

Introdução¹

David Hollatz (1648-1713) é um dos mais renomados teólogos da célebre ortodoxia luterana, sendo um Doutor particularmente notório por seu livro sistemático, “*Examen Theologicum Acroamaticum*”. A intenção de Hollatz é defender e explicar a processão do Espírito Santo do Pai e do Filho, de acordo com o Credo Ocidental, principalmente contra os Socinianos.

O livro de Hollatz é um tratado que procede por meio de Questões (*Quaestio*), Provas (*Probatio*), Observações (*Observatio*), Criticismo/Tu dizes (*Dicis*), Objeções (*Antithesis*) e o Contra-exemplo (*Instantia*). Cada *Quaestio* possui um tema específico, conforme o Capítulo (*Caput*), sendo precedida por suas *Observatio*, as explicações adicionais do tema, *Probatio*, as demonstrações da tese, *Dicis*, que se distinguem das objeções, sendo a antecipação de Hollatz de dúvidas na mente de seu leitor que contradizem sua tese, as Antíteses (*Antithesis*), que são as objeções dos seus opositores e a Instância (*Instantia*), que marca um contra-exemplo (seja seu ou do oponente), finalmente esclarecidas pela Resposta (*Responsio*).

O texto a seguir é uma tradução de 5 questões do *Examen* que explicam o Filioque, dentre outros princípios luteranos, acerca do Espírito Santo. As palavras em itálico correspondem ao latim que foi preservado para melhor compreensão dos termos utilizados. As citações bíblicas, salvo indicação em contrário, são traduzidas do latim incluído no texto. A estrutura da tradução, até onde for possível, terá o intuito de refletir a organização do material feita pelo próprio Hollatz.

¹ Essa tradução foi feita a partir das páginas 337-343 do *Examen Theologicum Acroamaticum Universam Theologiam Thetico-Polemicam Complectens*.

Questão XLVIII. Qual é o Caráter Hipostático (*Character Hypostaticus*) do Espírito Santo?

O Caráter Hipostático, ou a propriedade pessoal (*proprietas personalis*) do Espírito Santo é a espiração passiva (*Spiratio Passiva*), isto é, a processão do Espírito Santo do Pai e do Filho.

Prova: A espiração passiva é uma propriedade que é exclusiva do Espírito Santo; a qual não se aplica ao Pai e ao Filho, sendo um aspecto constitutivo de sua essência. Logo, a espiração passiva é, assim, uma propriedade pessoal específica do Espírito Santo.

Questão XLIX. O que é a Espiração Passiva, ou Processão (*Processio*) do Espírito Santo?

Processão (*Processio*), ou seja, a espiração passiva, é a origem eterna do Espírito Santo, pela qual Ele, dentro do âmbito da divindade (*ipse intra finum deitatis*), procede do Pai e do Filho, pela comunicação da essência única e mesma, de modo que é produzido um sopro (*spiraculum producitur*) comum de ambos.

Observação (1): Diz-se espiração passiva; não física, como se implicasse uma potência passiva ou imperfeita (na Divindade); mas gramatical, porque o Espírito Santo não é dito espirar (*spirare*), mas ser espirado (*spirari*). A espiração ativa e passiva não são duas espiorações distintas, mas uma única que, em razão do princípio que espira e produz é chamada ativa, e em razão do termo produzido, passiva. É a mais pura emissão (*purissima est emanatio*) do Espírito do Pai e do Filho.

Observação (2): Entende-se aqui a espiração não como externa, como foi a insuflação da parte de Cristo aos discípulos em João 20:22, mas como interna e imanente, pois ocorre dentro do próprio âmbito da Divindade (*intra ipsum deitatis finum*); não é transitória e efêmera, como a dos seres humanos, mas eterna e permanente; pois o Espírito Santo procede desde a eternidade, como o sopro do Todo-Poderoso (Jó 33:4) e o Espírito da boca do Senhor (Salmo 33:16). Não é acidental, mas substancial: pois em Deus não há acidentes, e o Espírito Santo, como pessoa e substância divina, não pode ser gerado (*produci*) por um ato acidental.

Questão L: Como provar que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho?

As Sagradas Escrituras ensinam de forma perspicua (ἀπολεξεί) e em termos diversos que o Espírito Santo procede de Deus Pai, mas também:

- (a) Que Ele procede do Deus Filho, conforme indicado pela denominação do Espírito como o Espírito do Filho.
- (b) Pela consubstancialidade (ομοούσια) do Pai e do Filho.
- (c) Pela atribuição da onisciência ao Filho.
- (d) Pela visão de Apocalipse da corrente de água que flui do trono do Cordeiro.
- (e) Pela missão do Espírito Santo da parte do Filho.
- (f) Pela insuflação de Cristo aos discípulos.
- (g) Pela ordem e distinção das pessoas divinas.
- (h) Logo, é válida a conclusão...

Prova A: As palavras de Cristo são perspícuas, conforme João 15:26: “Quando vier o Paráclito, que vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da Verdade, que procede do Pai (ἐκπορεύεται; *procedit*), Ele dará testemunho de mim.” O Salvador fala da eterna processão interna do Espírito Santo, pela qual Ele recebe Sua essência do Pai. Isso se difere da missão temporal e externa para a obra de santificação, que é o erro que os Socinianos cometem neste texto. Ora; (1) a missão é claramente distinguida da processão. “Aquele que eu vou enviar a vocês da parte do Pai, o Espírito que procede do Pai.” (2) A missão é dita ocorrer em tempo futuro, enquanto a processão é descrita como acontecendo no tempo presente, indicando que não se trata de uma missão temporal, mas de uma eterna emanção do Espírito Santo. A eternidade é o “agora” mais presente e imutável possível (*præsentissimum & immobile*). (3) O objetivo de Cristo era aduzir a autoridade do testemunho celestial, ou seja, o testemunho do Espírito Santo, que é irrefutável e maior do que qualquer exceção, uma vez que procede do próprio Pai e investiga e compreende as profundezas ou segredos (τά βόθη) do Pai. (4) A origem do Espírito Santo é designada em passagens paralelas pelo termo ἐκπορευόμενον, como em Daniel 7:10, e Apocalipse 22:1.

Observação: Acerca da afirmação da Sagrada Escritura sobre a processão do Espírito Santo da parte do Pai, podem ser adicionados outros argumentos:

- (1) O fato de que o Espírito Santo é “de Deus”, conforme 1 Coríntios 2:12.
- (2) O fato de que Ele é o “Espírito do Pai”, em Mateus 10:20, “Espírito da boca do Senhor”, conforme o Salmo 33:6, e “Sopro do Todo-Poderoso”, em Jó 33:4.

Isso porque Ele é soprado (*spiratur*) pelo Pai e procede de Sua boca como Seu próprio sopro (*spiraculum*), de maneira divina e inefável.

(3) O fato de que Ele é enviado pelo Pai, conforme João 14:26. A missão temporal é uma nota da processão eterna. Somente o Pai não é mencionado como enviado, pois Ele não tem origem de ninguém.

Prova (B): Da mesma forma como o Espírito Santo é chamado o “Espírito do Pai” em Mateus 10:20, Ele é igualmente chamado o “Espírito do Filho” em Gálatas 4:6, o “Espírito de Cristo” em Romanos 8:9, o “Espírito dos lábios de Cristo” (“*Spiritus labiorum Christi*”) em Isaías 11:4, e o “Espírito da boca de Cristo” em II Tessalonicenses 2:8. Assim como é soprado (*spiratus*) pelo Pai de maneira inefável, da mesma forma é soprado (*spiratus*) pelo Deus Filho, e procede de Sua boca como um sopro divino.

Prova (C): “Tudo o que o Pai tem é meu. Por isso vos disse: ele receberá do que é meu e vos anunciará”, João 16:15. A partir destas palavras de Cristo, conclui-se não apenas a consubstancialidade (ὁμοουσία) entre o Pai e o Filho, mas também a originação do Espírito Santo a partir do Filho. Pois “tudo o que é dito a respeito do Pai é verdadeiramente dito também do Filho, com a única exceção de que Ele é o Pai”, conforme Cirilo (em *Thesaurus nuncupatur*)². Argumentamos da seguinte forma: Aquele que possui tudo o que Deus Pai possui, exceto a própria paternidade, possui o poder de soprar o Espírito Santo. No entanto, o Deus Filho o possui. *Ergo*.

Prova (D): João 16:13-14: “Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras. Ele me glorificará porque receberá do que é meu e vos anunciará.” (Jerusalém) Aquele pelo qual o Espírito da Verdade adquire o conhecimento para falar e anunciar o futuro é a mesma fonte da qual Ele recebe a essência (*ab eodem accipit essentiam*). Ora, mas é a partir do Filho de Deus. Logo, etc. Assim a premissa maior é estabelecida, pois no Espírito Santo a essência e o conhecimento são idênticos. O conhecimento das coisas futuras é divino e eterno, o que, em relação à própria coisa, é a própria essência divina (*quæ ex parte rei est ipsa essentia divina*).

² [N.T]: Hollatz está se referindo ao *Thesaurus de Sancta et Consubstantiali Trinitate*, de S. Cirilo de Alexandria. A passagem completa se encontra em Migne, *Patrologia Graeca*, 75:511: “Aquele que nega o Pai também nega o Filho; e aquele que nega o Filho, também nega o Pai. Ninguém negará o Filho de outra forma senão ao dizer que Ele é uma criatura, excluindo-o da consubstancialidade com o Pai. Aqueles que reconhecem e defendem a verdadeira dignidade do Filho, reconhecendo Sua semelhança natural com o Pai, não O privam disso. Logo, **tudo o que é dito a respeito do Pai é verdadeiramente dito também do Filho, com a única exceção de que Ele é o Pai**. E tudo o que é dito a respeito do Filho, é dito também a respeito do Pai, exceto que Ele é o Filho...”

Tu dizes: “Se a pregação de Cristo fosse sobre a recepção do conhecimento através da Processão Eterna, não teria utilizado o verbo futuro, mas teria se referido ao presente ou ao passado.”

Respondo com Agostinho, no Tratado XCIX (em João): “Não se perturbe pelo verbo ser colocado no tempo futuro. Pois não é dito: ‘tudo o que Ele ouviu’, ou ‘tudo o que Ele ouve’, mas ‘dirá tudo o que tiver ouvido’. Pois tal ouvir é eterno, uma vez que o conhecer é eterno. Mas no caso do que é eterno, sem começo e sem fim, em qualquer tempo verbal que o verbo seja colocado (seja no passado, no presente ou no futuro), não há falsidade implícita.” Ademais, Cristo usou o verbo no tempo futuro porque falava em termos de recepção em relação à anunciação, a qual naquele momento ainda era futura, como é evidente no v. 14.

Prova (E): Apocalipse 22:1: “Mostrou-me depois um rio de água da vida, brilhante como cristal (εκπορευομενον εκ του θρονου), que saía do trono de Deus e do Cordeiro” (Jerusalém). Daqui observamos: (1) Que fluir através do Trono de Deus e do Cordeiro se refere à essência do Pai e do Filho, distinguida (*insignita*) pelo Caráter Hipostático, na medida em que essa essência é gloriosíssima e majestosa. (2) Através do modo de falar das Escrituras, que costuma descrever o Espírito Santo como uma corrente de água viva, pela qual somos refrescados (cf. Ezequiel 44:3, João 4:10; 7:38-39). Assim, é ensinado que o rio representa o Espírito Santo. (3) A expressão εκπορευομενον (*procedere/procedit*) é atribuída ao Espírito Santo, conforme S. João 15:26. (4) Quando se diz que o rio emana (ou flui) do trono de Deus e do Cordeiro, se indica a processão do Espírito Santo tanto do Pai quanto do Cordeiro, ou seja, do Filho. Com base nisso, argumentamos: Aquele que, semelhante a um rio, procede não apenas do trono do Pai, mas também do Cordeiro, isto é, do Filho, procede de ambos. Ora, mas o Espírito Santo, etc. *Ergo*.

Prova (F): O Espírito Santo é enviado tanto pelo Filho quanto pelo Pai, como dito em João 15:26 e 16:7. No entanto, a missão temporal, quando realizada pela pessoa divina, pressupõe uma origem eterna e uma processão daquela pessoa pela qual é enviado. Ora, uma pessoa divina não é enviada no tempo, exceto daquela que eternamente procede. Assim, argumentamos da seguinte forma: O princípio da missão da pessoa divina no tempo é o princípio de sua origem na eternidade, isto é, são idênticos. Ora, mas o Deus Filho é, junto de Deus Pai, o princípio da missão do Espírito Santo no tempo. Logo, o Deus Filho é, junto de Deus Pai, o princípio da origem do Espírito Santo na eternidade (*principium originis Spiritus S. in æternitate*).

Tu dizes: “O Espírito Santo, em relação ao Deus Filho, é o princípio da missão no tempo, como afirmado em Isaías 61:1, embora não seja o princípio de sua origem na eternidade.”

Respondo: Cristo foi enviado pelo Espírito Santo enquanto homem, não enquanto Deus. Estamos falando sobre a missão das pessoas divinas na medida em que são divinas.³

Prova (G): João 20:22: “Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: ‘Recebei o Espírito Santo’”. Dessas palavras conclui Agostinho⁴ a processão do Espírito Santo do Deus Filho: “Não podemos afirmar também que o Espírito Santo não proceda do Filho, pois não é em vão que se denomina Espírito do Pai e do Filho. Não vejo outro sentido nas palavras pronunciadas pelo Filho ao soprar sobre os discípulos: Recebei o Espírito Santo (Jo 20,22). Aquele sopro natural, originário do corpo com a intenção de atuar sobre o corpo, não foi a essência do Espírito Santo, mas um símbolo para demonstrar a procedência do Espírito Santo tanto do Pai como do Filho.”

Prova (H): Se o Espírito Santo não procedesse também do Filho, então não seria realmente distinto dEle. Ora, toda distinção em Deus surge das relações fundamentadas na origem. Ademais, a razão da ordem das pessoas na Santíssima Trindade se extinguiria. Não poderia ser explicado por que o Filho é a Segunda Pessoa e o Espírito Santo a Terceira, caso não houvesse ordem de origem. Por fim, isso levaria a uma consequência absurda: o Deus Filho não teria seu próprio Espírito.

A antítese é: (1) Dos Nestorianos, (2) Dos Gregos mais recentes, que negam que o Espírito Santo procede do Deus Filho, (3) Dos Socinianos, que afirmam que a processão do Espírito Santo é tão somente Sua missão temporal e (4) Dos seguidores de Weigel, que afirmam que o Espírito Santo procedeu somente do Pai antes do nascimento de Cristo, mas depois da ascensão de Cristo, também procede do Filho. Eles impugnam a sentença ortodoxa com argumentos subsequentes.

- I. “A Sagrada Escritura testifica que o Espírito Santo procede do Pai (João 15:26), mas não afirma o mesmo em relação ao Deus Filho.”

Respondo: As palavras de Cristo no trecho citado não devem ser

³ [N.T]: Hollatz se refere ao evento da Encarnação, onde Cristo é concebido da Virgem Maria pelo Espírito Santo.

⁴ Agostinho, Santo. Patrística-A Trindade-Vol. 7. Vol. 7. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2014. Livro 4:20:29 (p. 115).

entendidas de forma exclusiva, pois o Salvador não diz que o Espírito da verdade procede somente do Pai. Pois ao afirmar “vos enviarei de junto do Pai”, também indica que o Espírito Santo proceda de si [isto é, do Filho]. Pois uma pessoa divina não é enviada no tempo a menos que proceda eternamente daquela de quem é enviada. Acrescento: O Espírito Santo procede do Pai, seja como tal (*aut qua tali*), seja na medida (*aut quatenus*) em que Ele tem o Filho como coessencial. Se o primeiro for verdadeiro, o Espírito Santo será o Filho, pois quem procede do Pai, na medida em que é, procede à imagem daquele de quem procede. Se o segundo for verdadeiro, então Ele procede de ambos.

- II. “Quem quer que comunique a essência a alguém, gera o mesmo. Ora, mas o Deus Filho não gera o Espírito Santo. Logo, o Deus Filho não comunica a essência ao Espírito Santo. A premissa maior é evidente, pois a geração é, considera formalmente, a comunicação da essência.”

Respondo: Nego a maior. Pois a razão formal da geração não é tão somente a comunicação da essência, mas a comunicação da essência na imagem daquele que gera. A processão do Espírito Santo, de fato, sinaliza a comunicação da essência, não à imagem do que produz, mas para ser o sopro comum do Pai e do Filho.

- III. “Ou Deus Pai é um princípio suficiente da espiração, ou não é. Se o primeiro, Ele não precisará do auxílio do Filho; se o segundo, uma imperfeição recairá sobre Deus Pai.”

Respondo: Com uma instância: (1) Ou Deus Pai é um princípio suficiente da criação, ou não. Se o primeiro, Ele não precisará do auxílio do Filho e do Espírito Santo; se o segundo, uma imperfeição recairá sobre Deus Pai, o Criador. (2) Ademais, há um único sopro do Pai e do Filho. Logo, Deus Pai, na espiração do Espírito Santo, não precisa do auxílio do Filho devido a certa imperfeição, no entanto, o Filho concorre com a espiração do Espírito Santo devido à identidade da virtude da espiração.

- IV. “Aquele que não é a fonte e raiz da Divindade, dele o Espírito Santo não emana (pois um rio emana de sua fonte). Mas o Deus Filho não é [a fonte da Divindade]. Logo, etc. A premissa menor é sustentada pelo fato de que somente o Deus Pai é a fonte e raiz da Divindade, conforme afirmado por Atanásio, apud Dannh. in Hodos. p.230.”

Respondo: a fonte da Divindade é dita ser o Pai, visto que Ele é inascível [inascibilidade] e porque tanto o Filho quanto o Espírito Santo têm origem nEle. Assim, em um sentido mais restrito (*sensu strictissimo*), afirmar que o Deus Filho não é a fonte da Divindade é óbvio. No entanto, se por “fonte” se entende o “princípio da origem” (*principium originis*), nada impede que o Deus Filho seja chamado de fonte da processão do Espírito Santo.

- V. “Se o Espírito Santo procedesse do Filho, seguir-se-ia que o Filho é mais semelhante ao Pai do que o Espírito Santo. Mas o último é absurdo. Logo, o primeiro é evidente. Provo a maior; pois, se o Filho compartilhasse a espiração do Espírito Santo com o Pai, Ele seria semelhante ao Pai não apenas em termos de essência, mas também em termos do poder espiratório, virtude da qual o Espírito Santo carece. A absurdez do último é evidente; pois as pessoas divinas são iguais não apenas em essência, mas também em majestade.”

Respondo: A semelhança na Divindade é considerada não de acordo com as relações, mas de acordo com a essência; logo, a consequência da premissa maior é nula.

- VI. “Se o Espírito Santo procede de ambos, isto é, do Pai e do Filho, ou ele procede por uma única e simples processão, ou por uma processão dupla. Se única, segue-se a contração das pessoas; pois o Pai e o Filho serão contraídos em uma única pessoa que espira, e o Espírito Santo será a outra pessoa, isto é, a que é espirada. Segue-se que a Santíssima Trindade será confundida. Se for dupla, o Espírito Santo será duplicado ou composto; pois uma ação dupla implica um duplo termo.”

Respondo: (a) o Espírito Santo procede do Pai e do Filho por uma única processão; no entanto, não segue a contração de ambos para uma única pessoa, pois o Pai e o Filho partilham da mesma essência, sendo distintos por um caráter hipostático constitutivo. Ora, a espiração não é um caráter constitutivo da pessoa, mas uma noção pessoal γνωστική (cognitiva), ou indicativa comum ao Deus Pai e Filho devido ao poder comum de espiração. **(b)** Ademais, as três pessoas da Divindade criaram o mundo⁵ sem nenhuma contração das pessoas.

Instância: “A partir de duas pessoas não pode surgir um único espírito, uma vez que cada pessoa tem seu próprio espírito característico.”

Respondo que, a partir de duas pessoas essencialmente distintas (*essentialiter diversis*), não se produz um único espírito. Todavia, Deus Pai e Filho possuem a mesma essência e o mesmo poder de espiração, sendo assim um único princípio.

- VII. “Os antigos doutores afirmaram que o Espírito Santo procede do Pai através do Filho (*Per Filium*), vide Chemnitz, loc. theol. f. m. 102.”

Respondo: A preposição “*per*” (através), conforme utilizada pelos antigos

⁵ [N.T] Hollatz menciona o princípio trinitário do *opera trinitatis ad extra sunt indivisa, opera trinitatis ad intra sunt divisa*. Esse princípio ensina que sempre que Deus age em relação à criação (*ad extra*), essa ação é realizada por todas as três Pessoas por meio da essência divina, sendo indivisível. No entanto, essa vontade única resulta em seus efeitos de acordo com as diferentes Pessoas, de modo que alguns efeitos podem ser atribuídos a uma Pessoa e não às outras (*ad intra*).

padres, é empregada para expressar a ordem, não a desigualdade ou diversidade de princípio. De fato, eles ensinaram que o Espírito Santo procede do Pai através do (*per*) Filho, a fim de preservar a propriedade de cada pessoa; pois, pelo Filho nascer do Pai, possui a qualidade de ter o Espírito que dEle procede. O Pai, por sua vez, não recebe isso de ninguém, mas tem de si mesmo. Ainda assim, os antigos não negaram que o Deus Filho seja o princípio da processão do Espírito Santo.

Instância: “Se o Espírito Santo procede do Pai através do Filho, como se este e aquele fossem o princípio da origem, segue-se que o Espírito Santo procederá do Deus Pai de modo mediado e pelo Filho de modo imediato. Assim o Espírito Santo será mais unido e familiar ao Filho do que ao Pai.”

Respondo: O Espírito Santo não procede do Pai *ενδιάμεσα* (ou seja, mediadamente) pelo Filho; pois, nesse caso, ele seria mais próximo de uma pessoa do que da outra. Em contrário, ele procede *αμέσως* (imediatamente) de ambos, como que de uma única fonte essencial (*uno fonte essentiali*). Ora, assim como o Pai e o Filho são um em essência, da mesma forma, ao produzir com um único Espírito consubstancial, eles são um único princípio essencial. Deve-se adicionar, no entanto, que o Pai possui a faculdade espirativa a partir de Si mesmo, enquanto o Filho a recebe através da geração inefável do Pai.

Questão LI: A Geração do Deus Filho ocorre através do intelecto divino, enquanto a processão do Espírito Santo ocorre através da vontade divina?

A geração do Deus Filho não ocorre por meio do intelecto divino, tampouco a processão do Espírito Santo por meio da vontade divina, mas sim pela eminentíssima fecundidade (*eminentissimam fœcunditatem*) da natureza divina, distinguidas por um caráter hipostático específico.

- I. Provo⁶ do seguinte modo: o intelecto e a vontade divina são comuns às três pessoas da Trindade. Assim, se a geração do Filho fosse através do intelecto e a espiração através da vontade, seguir-se-ia este absurdo; a saber, que o Filho, ao entender ou pensar (*intelligendo, aut cogitando*), geraria outro

⁶ [N.T.]: Hollatz começa esse parágrafo distinguindo por prova (*Prob. I*). Ele busca confirmar a definição que deu.

Filho; e o Espírito Santo, ao querer, produziria outro Espírito Santo.

Tu dizes: “Não se trata do intelecto divino absoluto (*intellectione divina absoluta*), mas do intelecto do Pai. No que diz respeito à vontade do Pai e do Filho, o discurso é relativo (*relativa sermo est*).”

Respondo: Com esta distinção abrem-se novas confusões. Ora, de onde vem que o intelecto do Pai é fecundo, enquanto que o do Filho não é? De onde concluímos que a vontade do Pai na produção do Espírito Santo é comum ao Filho, mas não da mesma forma o intelecto?

- II. Propriamente falando, a filiação, como princípio, não consiste na difusão do intelecto, mas sim na fecundidade; isto é, comunicação, da natureza. Segue que, uma vez que o Λόγος (Verbo) é o próprio Filho de Deus, a origem do Filho deve ser atribuída não ao intelecto, mas à fecundidade da essência divina, que se encontra no Pai e no Filho.
- III. Se Deus Pai e Filho produzem o Espírito Santo pela vontade, certamente geram livremente e podem optar por não gerar, e, assim, a espiração do Espírito Santo será uma ação livre, não necessária ou natural. Contudo, se o Espírito Santo não é gerado necessariamente pela própria natureza divina, ele não é consubstancial (ομοούσια) com o Pai e o Filho. Pois o verdadeiro Deus existe necessariamente e não pode deixar de existir.
- IV. Se o Espírito Santo procede pela vontade, enquanto o Deus Filho é gerado pela intelecção, segue-se que o Espírito Santo não será igual ao Deus Filho. A última é absurda; logo, etc. Ambas as partes são igualmente problemáticas. A maior é provada pelo fato de que a vontade é sempre menos nobre do que a intelecção.

A **antítese** é: dos escolásticos e dos jesuítas, os quais afirmam que o Filho é gerado pela intelecção do Pai, enquanto o Espírito Santo é soprado pela vontade do Pai e do Filho. Esses são seus principais argumentos:

- I. “Se o Filho é o Verbo do Pai, é gerado através do intelecto do Pai. O Deus Filho é o Λόγος (Verbo) do Pai, conforme João 1:1. Logo, a premissa maior é justificada pelo fato de que o Verbo interno se refere à intelecção, da qual é gerada.”

Respondo: (1) Negando a premissa maior, pois o Filho pode ser chamado de Verbo por expor a vontade do Pai. (2) Distinguindo entre Λόγος (Verbo) criado e incriado. O Λόγος criado se refere ao intelecto enquanto princípio próximo e formal, uma vez que o ser humano não pode produzir uma palavra sem a mediação do intelecto como faculdade intermediária; que é uma imperfeição humana. Porém, o Λόγος incriado é produzido de modo imediato pela natureza divina do Pai. (3) O Deus Filho é chamado de Verbo do Pai para indicar a espiritualidade da geração divina, não para expressar de modo formal o princípio. Assim como o conceito da mente é produzido

pela mente, o Deus Filho é gerado pelo Pai de maneira imaterial e *ἀπαθώς* (impassível) (conforme Basílio, Homilia XVI), sem paixão e corrupção. O conceito mental é tal que permanece na mente; da mesma forma, o Filho é do Pai e nunca deixa de permanecer no Pai. Segue-se, portanto, que é um *non sequitur* dizer que Deus Pai gerou o Filho na medida em que, ao contemplar a si mesmo, concebeu e gerou uma imagem de si mesmo. Ora, a filiação está fundamentada na comunicação da mesma natureza, não na intelecção (*cogitatione intellectus*).

- II. “Aquele que é chamado de “amor do Pai e do Filho” na Sagrada Escritura procede da vontade divina. Mas o Espírito Santo é mencionado dessa forma. Logo, a premissa maior é evidente, pois o princípio do amor é a vontade, como evidenciado por passagens como Romanos 5:5 e 1 João 4:6.”

Respondo: Nos textos citados, o Espírito Santo não é explicitamente denominado como o *amor* do Pai, mas em Romanos 5:5 é mencionado que o amor de Deus (com o qual Deus nos ama) é abundantemente declarado pelo Espírito Santo. O Deus Trino é chamado de amor em 1 João 4:16 e, no entanto, quem poderia inferir a partir disto que o Espírito Santo é o amor do Pai e do Filho?

- III. “A ação produtiva (*actio productiva*) do Filho e do Espírito Santo é ou transitiva ou imanente. Não pode ser transitiva; de outra forma, o seu término estaria fora de Deus (*extra Deum*), podendo ser criação, conservação ou cooperação. Se for imanente, será por meio do intelecto e da vontade. Nenhuma ação imanente em uma natureza espiritual ocorre além do intelecto e da vontade, como evidenciado pela alma e pela natureza angelical.”

Respondo: A ação produtiva (*actio productiva*) do Deus Filho e do Espírito Santo é, de fato, imanente; mas pessoal, imediatamente fundamentada na essência divina e distinguida (*notata*) por certo caráter hipostático.

- IV. “Se o Deus Filho não é gerado pelo intelecto do Pai e o Espírito Santo não é soprado pela vontade do Pai e do Filho, não haverá distinção entre a geração do Filho e a processão do Espírito Santo. No entanto, há diferença entre geração e processão. Logo, a primeira se dá através do intelecto e a segunda através da vontade.”

Respondo: Reconhecemos que a diferença entre a Geração Eterna τῷ λόγῳ (do Verbo) e a Processão do Espírito Santo não pode ser compreendida completamente⁷ por nós nesta vida, tampouco que seja plenamente

⁷ [N.T.] Aqui segue Hollatz na tradição patrística no que diz respeito à natureza da geração do Filho e da processão do Espírito, conforme Agostinho (*Contra Maximinum* II.14, MPL 42.770): “Há diferença entre geração e processão, mas não sei como distingui-las pelo fato de ambas serem inexprimíveis” e Damasceno (Exposição da Fé Ortodoxa I.8): “Sabemos que há certa diferença entre geração e processão, mas não entendemos de forma alguma qual é a natureza dessa distinção”.

explicada. Ainda assim, difere a geração da processão não porque uma ocorre pelo intelecto e a outra pela vontade divina, mas: (a) porque o Deus Filho é gerado apenas pelo Pai; enquanto o Espírito Santo procede do Pai e do Filho. (b) O Filho é gerado pelo Pai como Sua imagem; o Espírito Santo procede do Pai e do Filho como o comum sopro de ambos (*ut commune utriusque spiraculum*). (c) A produção do Deus Filho é a primeira produção divina (*productio divina prima*), derramando-se em outra pessoa através de uma fecundidade posterior; enquanto que a produção do Espírito Santo é a última produção divina (*immanens*), na qual a comunicabilidade da natureza divina repousa dentro do âmbito da Divindade (*intra finum deitatis conquiescit*)⁸.

Questão LII: Que consequências decorrem da Processão do Espírito Santo, pelas quais ela é posteriormente revelada?

A Eterna Processão do Espírito Santo é revelada pela missão temporal do Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho.

Prova: Deus Pai envia o Espírito Santo em nome do Filho (João 14:26). E o Filho, por sua vez, envia o Espírito Santo do Pai (João 15:26). Portanto, o poder de enviar (*potestas mittendi*)⁹ o Espírito Santo é comum a Deus Pai e Deus Filho; o qual o Pai possui de si mesmo, e o Filho recebe do Pai através da geração eterna. Além disso, a missão do Espírito Santo pode ser visível ou invisível.

É dita ser visível quando o Espírito Santo é dado e comunicado de tal forma que, por meio de algum símbolo, perceptível aos sentidos humanos, manifesta a sua presença. Dessa maneira a missão do Espírito Santo ocorreu no Batismo de Cristo, quando desceu na forma de uma pomba sobre Ele (Mateus 3:16), e também no dia de Pentecostes, quando veio sobre os Apóstolos na forma de línguas de fogo (Atos 2:3). Outras vezes, é mencionada uma efusão visível do Espírito Santo, na qual Ele se revela por meio de efeitos raros e incomuns; como

⁸ cf. D. Osiander em colleg. system. theol. part. I .p.430

⁹ [N.T]: "*Potestas mittendi*", conforme chamavam os teólogos luteranos, é um princípio trinitário próprio da escolástica luterana. Sua estrutura básica é a seguinte: para que uma pessoa possa enviar outra, aquele que envia (i.e., o emissor) deve ter algum poder ou direito de envio com relação à pessoa que é enviada. Segundo Abraham Calov (Systema III.813): "Assim como a missão do Pai é sinal de sua procedência, vemos que ao ser enviado pelo Filho o Espírito Santo procede dEle, visto que uma pessoa divina não é enviada no tempo (*in tempore*) a menos que seja daquela de quem procede desde a eternidade (*ab æterno*).” Esse princípio é aprofundado em "Marschall, B. D. (2002). The Defense of the Filioque in Classical Lutheran Theology. An Ecumenical Appreciation."

aconteceu com os gentios convertidos na casa do centurião Cornélio (Atos 10:45), que começaram imediatamente a falar em várias línguas e a louvar a Deus. Este tipo de missão visível do Espírito Santo é extraordinária, ocorrendo por uma espécie singular de *óikovoμία* (economia) ou dispensação divina.

A missão visível ordinária do Espírito Santo é aquela pela qual Ele é comumente enviado aos corações dos pecadores penitentes por meio da palavra e dos sacramentos, e Seus dons são comunicados a eles (Gálatas 4:6; 1 Coríntios 12:2). Ainda, os dons do Espírito Santo podem ser classificados como **santificadores** e **ministradores**: os santificadores são aqueles que são conferidos ao pecador para torná-lo justo e santo, tais como a Iluminação (Efésios 1:18), Conversão (Ezequiel 36:27), Regeneração (João 3:16), Justificação (1 Coríntios 6:11), Adoção (Romanos 8:15), União Mística (1 Coríntios 3:16), Renovação (Tito 3:4), Virtudes Dignas de um Cristão, que são os frutos do Espírito Santo (Gálatas 5:22) e a certeza da salvação eterna (Efésios 1:14). Os ministradores são aqueles distribuídos para a administração do serviço público na igreja de acordo com a medida da graça divina (1 Coríntios 12:8-10).